

[Dona Bila, uma intelectual esquecida](#)

Pequena história da enfermeira que ajudou os pobres, foi comunista, poeta e admirava Aluizio Alves

Luiz Gonzaga Cortez

A vida e a obra poética de uma das primeiras enfermeiras do Rio Grande do Norte, Umbelina de Siqueira Cavalcanti, nascida em 6 de dezembro de 1886, em São Bento do Una, Pernambuco, merece uma pesquisa aprofundada. Filha de um juiz de direito pernambucano, Joaquim Homem de Siqueira Cavalcanti, e de Filadélfia de Siqueira Carvalho de Moura, Umbelina de Siqueira de Siqueira, ou Tia Bila para os familiares e amigos, ainda criança foi morar em Canguaretama/RN, onde se seus pais se refugiaram e deram origem a um novo tronco da família Siqueira no nosso Estado. O pai de Bila foi juiz de direito de comarcas do litoral e agreste potiguar, sendo considerado um dos fundadores da cidade de Vila Nova, hoje apelidada de Pedro Velho. Naquele tempo, princípio do século XX, os magistrados percebiam baixos salários o que, muitas vezes, a condição financeira obrigavam os filhos e filhas a estudar e trabalhar.

Menina inteligente, Umbelina estudou na **Penha** e aprendeu enfermagem em Natal. Sua família se envolveu na política estadual e apoiou a campanha do tenente José da Penha, potiguar de Angicos que revolucionou o RN contra a oligarquia dos Albuquerque Maranhão, entre 1913 e 1915. Usou boné com as cores dos adeptos de José da Penha. Fez poemas para os “Penhistas”. Tornou-se enfermeira do antigo “Departamento de Saúde Pública” do Estado do RN e atuou no combate às enfermidades que assolavam o litoral sul do RN, que dizimavam as famílias pobres. Para trabalhar em favor das famílias pobres e das prostitutas – que eram muitas naqueles tempos, na cidade da “**Penha**” -, a enfermeira Umbelina de Siqueira Cavalcanti entrava nas casas e prostíbulos, de dia ou de noite, sem feriados, examinando as condições sanitárias, ministrando os medicamentos ou dando orientações. “Salvou muita gente”, afirma Ana Lúcia de Oliveira, que conheceu dona Bila quando era criança e com quem tinha forte amizade e afeição. Apesar de ter feito muito pelo povo da **Penha**, o seu nome jamais foi lembrado pelas autoridades municipais de Canguaretama.

Inteligente e culta, lia tudo que caía nas suas mãos. Vivendo numa sociedade conservadora, atrasada e injusta, tornou-se marxista. Comunista de carteirinha do velho PCB. Corajosa e atuante, fundou uma célula do partido na sua modesta casa, situada na rua Voluntários da Pátria, 804, Cidade Alta, em Natal. Atéia, sabe o nome da célula? Célula Frei Miguelinho! Uma justa homenagem ao sacerdote católico e revolucionário que morreu na luta contra os opressores portugueses. Muita coisa sobre essa figura ilustre da família Siqueira, é por ouvir dizer, principalmente no tocante as suas criações poéticas. Até hoje, apesar de intensas inquirições com parentes e amigos dela, não foi possível localizar um poema de dona Bila. Ela gostava muito de poesia; não só gostava, mas compunha belos versos. Tia Bila foi um poeta lírica. Escreveu poemas para os partidários de Zé da

Penha, no início do século passado. Em 1960, fez um hino para a campanha de Aluízio Alves, que considerava um novo Zé da Penha. Chegou a colocar uma bandeira verde na frente da sua casa”, garante Justiniano Homem de Siqueira, o Mano, dentista, filho do falecido escritor e poeta Esmeraldo Siqueira. Bila era irmã de dois grandes poetas que Natal já teve, Esmeraldo e Milton Siqueira e tia de outro grande poeta, Homero Homem de Siqueira.

Teria sido a primeira mulher comunista em Natal, onde veio morar nos anos 30, tempos depois do desmoronamento do primeiro e único casamento. A propósito, viveu poucos meses com o seu marido, um rico usineiro da “Penha”, Manoel Antonio de Medeiros, que morreu alienado mental na capital paraibana. As jóias que recebeu de presente do marido, devolveu-as todas. “Ela era uma mulher muita ciumenta e isso destruiu o seu casamento, conforme dizia a minha mãe”, afirma uma sobrinha que prefere não se identificar. Bila casou-se em 1925. O ex-marido morreu em 22 de outubro de 1942, no Hospital Colônia Juliano Moreira, sem deixar descendentes. No entanto, Alvamar Queiroz, ex-militante do PCR e ex-prespo político, que freqüentou assiduamente a residência de dona Bila e integrou a Associação Potiguar de Esperanto, de onde foi expulso em 1974 por pressão do capitão José Soares, da PM/RN (o oficial da Polícia Militar reuniu o grupo e disse que Alvamar era comunista e estava contaminando toda a entidade, mas ressaltou que ele tinha sido o único tesoureiro que tinha passado pelo movimento e prestado contas corretamente. O caso aconteceu na sala da casa de d. Bila e os sócios da entidade ficaram calados, nenhuma voz se levantou para dizer algo a respeito de Alvamar, que retirou-se cabisbaixo, “quase sem sentir o chão”. Mais tarde, Bila confortou-o. “O movimento esperantista tem muita gente reacionária...”, disse-lhe a poetisa.), assegura que ela escreveu muitos poemas e que chegou a ver os originais em poder de outro esperantista José Meira Mendonça, já falecido. Zé Meira era professor e amigo de dona Bila. Funcionário do Ibama, Alvamar se lembra que dona Bila falava muito sobre um ex-amor que deixou em Pernambuco, fato que era desconhecido deste repórter em fins de maio de 2002. Alvamar recorda dona Maria, fiel empregada de dona Bila: “É muito justo se referir a Maria, eterna companheira que, apesar de velha e encurvada, olhando para as pessoas por baixo, sempre foi fiel a Tia Bila, seja preparando seu banho que era no quarto de dormir ou no preparo da alimentação. Maria se preocupava muito com a saúde dela sem no entanto se preocupar com a sua própria saúde. Quando se emocionava, recitando alguma poesia, carregava no “r”. Falava muito do poeta que se correspondia em Pernambuco. Um dia o poeta lhe enviou uma foto e ela nos mostrava e dizia que o mesmo era horrível de feio, mas bonito de espírito. Uma alma iluminada.”. Segundo Oscar Siqueira Filho, sua tia Bila pedia para não falar em política nas reuniões da Associação Potiguar de Esperanto, “mas Alvamar falava”.

Uma das pioneiras na divulgação do Esperanto no Rio Grande do Norte, Umbelina de Siqueira Cavalcanti, além de amante da poesia e da cultura em geral, gostava dos jovens sedentos de conhecimentos. Por isso, segundo seus parentes, ela incentivava os jovens cultos, como foi o caso do seu sobrinho Homero Homem de Siqueira, que partiu para o Rio de Janeiro, após os conselhos

de dona Bila, sob o argumento que “aqui não tem futuro para você, um poeta de talento”. E Homero teria ido, na década de 40, para o Rio de Janeiro, onde militou na imprensa e no Partido Comunista (PCB).

O procurador aposentado Nilo Siqueira Costa, 80, residente em João Pessoa/PB, afirma que conviveu com a sua tia Bila e integrou a Célula Frei Miguelinho, instalada na casa dela, na década de 40, tendo participado de reuniões com Luiz Maranhão Filho, dr. Manoel Villaça, Leonardo Bezerra, Livino, José Costa, Miguel Moreira, Gilberto (casado com uma irmã de Paulo Teixeira de Freitas), Jacob Volfson (médico judeu), entre outros. “Fui hóspede de tia Bila, na Penha e em Natal. Enfermeira do Estado, ganhava muito pouco, passava necessidades, mas alguns familiares ajudavam-na. Era uma mulher inteligente, bonita, bem feita de corpo. Era uma mulher muito responsável e dedicada ao trabalho, inclusive nas tarefas do partido. Fui candidato a deputado estadual pelo PCB, depois do fim do Estado Novo, e ela me ajudou muito, mas não consegui me eleger. Uma vez, a polícia deu uma batida na casa dela e o policial Meira Lima foi lá e tomou o depoimento dela”, disse Nilo Siqueira. Ironia da história: uma filha de Meira Lima, Iris, anos depois casou-se com um irmão de Bila, Esmeraldo. E Bila sofria perseguições? “Não, Oscar Siqueira, chefe de polícia, e Edgard Siqueira, secretário de segurança, maneiravam a barra”, afirma Nilo.

E maneiravam mesmo, pois no Arquivo Público do Estado o repórter encontrou apenas uma ficha dela nas pastas da Polícia do RN (da extinta Delegacia DOPS), na qual está escrito que ela contribuiu financeiramente para a Célula Frei Miguelinho.

Nilo Siqueira afirma que não tem nenhuma cópia dos poemas de Bila e não sabe quem guardou os poemas dela. Nilo foi um jovem militante comunista em Natal, há 60 anos, que em determinada ocasião, no Grande Ponto, um oficial do Exército lhe perguntou o que faria se ele chegasse ao poder. “Mandava fuzilar todos os anticomunistas”, foi a resposta. “Eu era muito radical quando jovem e esse foi o meu erro e de muita gente; fui rebelde e intransigente. O general Cordeiro de Farias, que mandava em Natal durante a Guerra, mandou me demitir do emprego no Tesouro do Estado, após saber que eu era comunista. “Eu combato o comunismo aqui em cima e esse menino prega lá em baixo”, disse o general, segundo Nilo.

Justiniano Homem de Siqueira

Apesar do seu pai ter se “intrigado” com dona Bila, sua irmã por parte de pai, o dentista Justiniano Siqueira, “Mano”, manteve estreita amizade com a tia, indo quase diariamente à sua residência, cujo quintal tinha várias fruteiras e muito verde. “Eu ouvia falar da briga por parte das tias mais velhas. Certo dia, mamãe levou-nos lá, tendo Tia Bila beijado as mãos dos sobrinhos, eu e mais dois irmãos. Mamãe pediu que fôssemos lá e, por isso, visitamos muito a casa dela, que também criava passarinhos e galinhas, cuidava de uma parreira e de uma horta.

Era um pequeno sítio, onde a empregada Maria foi a sua fiel serva. Tia Bila era exímia tocadora de bandolim. Lembro que ela tocou “Lua Branca”, de Chiquinha Gonzaga, para nós, que ficamos maravilhados por causa da sua bonita voz. Era uma artista: fabricava bonecas de pano e chapéus, por encomenda. Após mamãe ter reativado a amizade, ela fez um boné para papai. Tinha coleções das obras de Balzac, Voltaire, Victor Hugo, Tolstói, Dostoievski e todos os clássicos franceses e russos. Guardava álbuns com poemas e fotos de estadistas e líderes, como Stálin, Marx e Lenine. Tinha um rádio holandês, “Piloti”, com o qual sintonizava, diariamente, a Rádio Central de Moscou e a BBC, de Londres. Atualizada, comentava todos os assuntos com opiniões avançadas”, disse Justiniano.

Ele lamenta não ter nenhum original dos poemas e do hino que compôs para a campanha de Aluizio Alves, em 1960. Em 1915, Tia Bila integrou a Ala Feminina de José da Penha, movimento no qual as mulheres usavam uma farda, chapéus grandes e vermelhos. “Zé da Penha foi o seu ídolo apaixonado. Também admirou Luiz Carlos Prestes. “Houve um fato ocorrido depois de uma batalha contra a polícia, durante o movimento de Zé da Penha, que prova a coragem de Tia Bila: os partidários de Zé da Penha foram presos em massa e levados para a cadeia, perto do Palácio do Governo, no centro de Natal. Os presos seguiam a pé, cabisbaixos, sob o rufar dos tambores da polícia. Ao se aproximar da multidão de presos, ela bradou: Meus irmãos, levantem as cabeças, vocês não são criminosos, são heróis. A partir daí, os presos começaram a andar com a cabeças levantadas”, informa Justiniano. Em 1960, quando viu o povão nas ruas com Aluizio Alves achou que AA era um novo líder popular como José da Penha. E aí passou a escrever poemas em homenagem a Aluizio e colocou uma bandeira verde na frente da sua casa que era hasteada diariamente. Isso provocou incidente na família, tendo ela rompido com Esmeraldo e o desembargador Oscar Siqueira”, lembra Mano.

O sobrinho dileto de dona Bila assegura que ela foi uma poeta lírica. Do hino que ela fez para a campanha de Aluizio Alves, Justiniano se lembra apenas deste pequeno trecho: “Salve Aluizio/ Eu daqui proclamo/ Salve altaneiro, impávido condor/ Nosso Gandhi da terra potiguar./ Quanto mais sofre mais se torna forte”. “Maria subia a bandeira, numa vara de fora da janela, com carretilha, ao nascer do dia, enquanto tia Bila cantava o hino”. Os dinartistas ficavam pê da vida. Escreveu um poema intitulado “O leque”, mas Mano e Oscar Siqueira, outro sobrinho, não se lembra do texto nem onde foi publicado. O falecido poeta Homero Homem, seu sobrinho e que teve renome nacional, mantinha correspondência com dona Bila. No futuro, um pesquisador poderá descobrir os textos de d. Bila nos arquivos da família de Homero, no Rio de Janeiro.

Segundo Justiniano, ela queimou os seus arquivos que guardou durante muito tempo na casa em que funcionou a célula Padre Miguelinho, que foi “visitada” pela polícia que levou todos os seus livros e revistas numa carroça de burro. “Ela ficou marcada pela polícia, pois a célula era composta por gente importante na cidade. Mesmo assim, ao longo da sua vida como enfermeira e cidadã comum, ela assistia aos doentes, fazia enterros, casamentos e ajudava as pessoas

necessitadas. A sua casa era aberta a todos os que queriam formar grupos de estudos, estudar esperanto, sem induzir ninguém para o comunismo, apesar de ter sido a primeira mulher comunista organizada de Natal. Usava óculos “reibã’ da época da II Guerra, sabia atirar bem de espingarda e de revólver. Mulher bonita, corajosa, inteligente e gostava de viver em casa recebendo as pessoas, pois ali era uma verdadeira biblioteca do povo”, recorda Juniniano Homem de Siqueira.

OS ÁLBUNS

Ana Lúcia de Oliveira foi vizinha de dona Bila, “uma mulher notabilíssima” e com ela aprendeu muito. Num texto de duas laudas, extraio os seguintes trechos do depoimento de Ana Lúcia: “Umbelina de Siqueira Cavalcante! Uma pessoa do tipo que ao morrer, a gente sente mais dor do que normalmente sentiria! Uma pessoa do tipo que a gente acha que nunca deveria morrer, porque era por demais notável.

Dona Bila era mulher sensível, inteligente, culta, original, com elevado senso de civilidade e civismo, e que não era nada egoísta, pois fazia questão de ensinar às crianças e adolescentes. Tia Bila, como eu a chamava, aprovava inteiramente a minha sede de leitura - esta sede que meus pais alimentavam, o meu pai comprando livros e revistas (tanto espontaneamente, como os que eu desejava), e minha mãe, dispensando-me de quaisquer tarefas domésticas...

Há um fato que eu nunca vou esquecer: tia Bila me recomendou a leitura de um livro que ela leu quando criança, na escola. Uma obra-prima repleta de ensinamentos de Civilidade e Civismo: “Coração”, de Edmundo De Amicis, escritor italiano que viveu de 1846 a 1908.

Saímos, eu e meu pai em uma peregrinação por todas as livrarias de Natal. Na última, uma decadente livraria na Ribeira, recebemos mais uma negativa. Quando nos encaminhávamos para a saída, o homem gritou:

- Esperem um momento, que eu acho que vi este livro em uma pilha de livros velhos que ninguém vai mais vender.”

Fomos os três a um quarto de despejo, onde nos pusemos a revirar um monte de livros que ninguém iria mais ler, e, de repente, eu estava com o meu “objeto de desejo” nas mãos!

Li o livro de um só fôlego, emocionei-me , chorei, e lamentei que toda a humanidade não pudesse ler tal maravilha. Até hoje, “Coração” é o meu livro predileto, e, já adulta... comprei mais dois! Porém, um é “recontado”, e nele falta o capítulo mais lindo do livro, o que ensina as pessoas a se comportarem na rua, e de onde aprendi o seguinte: “A educação de um povo julga-se, antes de tudo, pelo comportamento desse povo na rua. Onde vives a vilania nas praças, encontrarás a vilania dentro das casas”.

Poesia - Ana Lúcia confirma que Umbelina Siqueira Cavalcanti “escrevia poesias, mas não sei porquê, eu nunca as copiei! Em compensação, ela me emprestou os seus álbuns de poesias de outros autores, onde cada poesia, primorosamente

copiada com sua linda letra, tinha, acima ou abaixo dela, um “cromo” que combinava exatamente com o texto. Assim fiz eu: até hoje, tenho dois álbuns (em livros de atas), com poesias e figuras combinando, Tia Bila me ensinou a copiar os sonetos em um álbum, e o que não fosse soneto, em outro. Ensinou-me também a colar as figuras uma vez acima, outra vez abaixo da poesia, para que o livro de ata não ficasse deformado. Imagine quão perfeccionista ela era! Quando tia Bila morreu, eu fiquei, acho que com dois álbuns dela, mas não me pergunte onde estão esses álbuns. Eu até pensei que mamãe, que tinha mania de jogar as coisas velhas no lixo, ou doá-las, tivesse dado fim aos álbuns. Mas, não: de algum modo, a culpa é minha, e sinto remorsos. De alguma maneira, fui ingrata com tia Bila...

Tia Bila era uma mulher de muita classe. Era uma “lady!” Ou melhor, uma “lady” como as de antigamente, pois as ladies de hoje (dentro da tendência igualitária que é uma das características da decadência da civilização cristã) , se comportam como quaisquer mulheres...”.

Segundo Oscar Siqueira, dona Bila, pobre e vivendo como enfermeira aposentada, faleceu no dia 8 de abril de 1973, no Hospital da Polícia Militar do Estado.

Luiz Gonzaga Cortez é jornalista e sócio do Instituto Histórico do RN.



www.dhnet.org.br